



Notas sobre Estruturalismo

... do esboço introdutório da Wikipédia, a enciclopédia livre.



Michel Foucault Jacques Lacan Lévi-Strauss e Roland Barthes¹

Origem

O estruturalismo é uma corrente de pensamento nas ciências humanas que se inspirou do modelo da lingüística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações. O termo *Estruturalismo* tem origem no *Cours de linguistique générale* de *Ferdinand de Saussure* (1916), que se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a ‘estrutura’.

O Estruturalismo é uma abordagem que veio a se tornar um dos métodos mais extensamente utilizados para analisar a língua, a cultura, a filosofia da matemática e a sociedade na segunda metade do século XX. Entretanto, "Estruturalismo" não se refere a uma "escola" claramente definida de autores, embora o trabalho de Ferdinand de Saussure seja geralmente considerado um ponto de partida. O Estruturalismo é mais bem visto como uma abordagem geral com muitas variações diferentes. Como em qualquer movimento cultural, as influências e os desenvolvimentos são complexos.

De um modo geral, o estruturalismo procura explorar as inter-relações (as "estruturas") através das quais o significado é produzido dentro de uma cultura. Um uso secundário do estruturalismo tem sido visto recentemente na filosofia da matemática. De acordo com a teoria estrutural, os significados dentro de uma cultura são produzidos e reproduzidos através de várias práticas, fenômenos e atividades que servem como sistemas de significação.

Um estruturalista estuda atividades tão diversas como rituais de preparação e do servir de alimentos, rituais religiosos, jogos, textos literários e não-literários e outras formas de entretenimento para descobrir as profundas estruturas pelas quais o significado é produzido e reproduzido em uma cultura. Por exemplo, um antigo e proeminente praticante do estruturalismo, o antropólogo e etnógrafo *Claude Lévi-Strauss* analisou fenômenos culturais incluindo mitologia, relações de família e preparação de alimentos. Lévi-Strauss explicou que os antônimos estão na base da estrutura sócio-cultural.

Em seus primeiros trabalhos demonstrou que os grupos familiares tribais eram geralmente encontrados em pares, ou em grupos emparelhados nos quais ambos se opunham e se necessitavam ao mesmo tempo. Na Bacia Amazônica, por exemplo, duas grandes famílias construía suas casas em dois semi-círculos frente-a-frente, formando um grande círculo. Também mostrou que os mapas cognitivos, as maneiras que os povos categorizavam animais, árvores, e assim por diante, eram

¹ Desenho de Maurice Henry, capa de François DOSSE. *História do Estruturalismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1983.

baseados em séries de antônimos. Mais tarde em seu trabalho mais popular "O Cru e O Cozido", descreveu contos populares amplamente dispersos da América do Sul tribal como inter-relacionados através de uma série de transformações - como um antônimo aqui transformava-se em outro antônimo ali. Por exemplo, como o título indica, Cru torna-se seu oposto, Cozido. Esses antônimos em particular (Cru/Cozido) são simbólicos da própria cultura humana que por meio do pensamento e do trabalho, matérias-primas tornam-se roupas, alimento, armas, arte, idéias. Cultura, explicou Lévi-Strauss, é um processo dialético: tese, antítese, síntese.

Quando usado para examinar literatura, um crítico estruturalista examinará a relação subjacente dos elementos ('a estrutura') em, por exemplo, uma estória, ao invés de focalizar em seu conteúdo. Um exemplo básico são as similaridades entre 'Amor Sublime Amor' e 'Romeu e Julieta'. Mesmo que as duas peças ocorram em épocas e lugares diferentes, um estruturalista argumentaria que são a mesma história devido à estrutura similar - em ambos os casos, uma garota e um garoto se apaixonam (ou, como podemos dizer, são +AMOR) apesar de pertencerem a dois grupos que se odeiam, um conflito que é resolvido por suas mortes. Considere agora a história de duas famílias amigas (+AMOR) que fazem um casamento arranjado entre seus filhos apesar deles se odiarem (-AMOR), e que os filhos resolvem este conflito cometendo suicídio para escapar da união. Um estruturalista argumentaria que esta segunda história é uma 'inversão' da primeira, porque o relacionamento entre os valores do amor e dos dois grupos envolvidos foi invertido. Adicionalmente, um estruturalista argumentaria que o 'significado' de uma estória se encontra em descobrir esta estrutura ao invés de, por exemplo, descobrir a intenção do autor que a escreveu.

O Curso de Saussure

Ferdinand de Saussure é geralmente visto como o iniciador do estruturalismo, especificamente em seu livro de 1916 'Curso de Linguística Geral'. Ainda que Saussure fosse, assim como seus contemporâneos, interessado em linguísticas históricas, desenvolveu n'O Curso uma teoria mais geral de semiologia (estudo dos sinais). Essa abordagem se concentrava em examinar como os elementos da linguagem se relacionavam no presente (*'sincronicamente'* ao invés de *'diacronicamente'*). Assim ele focou não no uso da linguagem (o falar), mas no sistema subjacente de linguagem (idioma) do qual qualquer expressão particular era manifestação. Enfim, ele argumentou que sinais lingüísticos eram compostos por duas partes, um 'significante' (o padrão sonoro da palavra, seja sua projeção mental - como quando silenciosamente recitamos linhas de um poema para nós mesmos - ou de fato, sua realização física como parte do ato de falar) e um 'significado' (o conceito ou o que aquela palavra quer dizer). Era totalmente diferente das anteriores abordagens à linguagem, que se focavam no relacionamento entre palavras e as coisas que elas denominavam no mundo. Concentrando-se na constituição interna dos sinais ao invés da sua relação com os objetos no mundo, Saussure fez da anatomia e estrutura da linguagem algo que pode ser analisado e estudado.

Estruturalismo na Lingüística

O Curso de Saussure influenciou muitos lingüistas no período entre as I e II Grandes Guerras. Nos EUA, por exemplo, **Leonard Bloomfield** desenvolveu sua própria versão de lingüista estrutural, assim como fez **Louis Hjelmslev** na Escandinávia. Na França **Antoine Meillet** e **Émile Benveniste** continuariam o programa de Saussure. No entanto, ainda mais importante, membros da **Escola de Linguística de Praga** como **Roman Jakobson** e **Nikolai Trubetzkoy** conduziram pesquisas que seriam muito influentes. O mais nítido e mais importante exemplo do estruturalismo da **Escola de Praga** encontra-se na *fonêmica* (estudo dos fonemas). Ao invés de simplesmente compilar uma lista dos sons que ocorrem num idioma, a Escola de Praga procurou examinar como elas se relacionavam.

Determinaram que o catálogo de sons em um idioma poderia ser analisado em termos de uma série de contrastes. Por exemplo, em inglês as palavras 'pat' e 'bat' são diferenciadas devido ao contraste de sons do /p/ e do /b/. A diferença entre eles é que as cordas vocais vibram enquanto se diz um /b/ e não vibram quando se diz um /p/. Também no inglês existe um contraste entre consoantes pronunciadas e não-pronunciadas. Analizando sons em termos de características contrastantes também abre um espaço comparativo - deixa claro, por exemplo, que a dificuldade que falantes japoneses tem em diferenciar o /r/ do /l/ no inglês deve-se ao fato desses dois sons não serem contrastantes em japonês. Enquanto essa abordagem é agora padrão em linguística, foi revolucionária na época. A fonologia viria a tornar-se a base paradigmática para o estruturalismo num diferente número de formas.

Estruturalismo na Filosofia da Matemática

Estruturalismo na matemática é o estudo de que estruturas dizem o que um objeto matemático é, e como a ontologia (estudo da existência) dessas estruturas deveria ser entendida. É uma filosofia crescente dentro da matemática que não deixa de ter sua porção de críticos. Em 1965, **Paul Benacerraf** escreveu um ensaio intitulado: "*O Que os Números Não Poderiam Ser*". É um artigo seminal em estruturalismo matemático, num estranho modo de dizer: ele iniciou o movimento pela resposta que gerou. Benacerraf endereçou uma noção em matemática para tratar enunciados matemáticos em valor nominal, e nesse caso estamos comprometidos a uma abstrata e eterna esfera de objetos matemáticos. O dilema de Benacerraf é como nós viemos a saber desses objetos se não nos encontramos em relação casual com os mesmos. Esses objetos são considerados casualmente inertes ao mundo. Outro problema levantado por Benacerraf são as múltiplas teorias de grupos que existem através da redução de teoria elementar dos números para teoria de grupos. Decidir qual das teorias é verdadeira não foi praticável. Benacerraf concluiu em 1965 que números não são objetos. A resposta às reivindicações negativas de Benacerraf é como o estruturalismo tornou-se um programa filosoficamente viável dentro da matemática. O estruturalismo responde a essas reivindicações negativas que a essência dos objetos matemáticos são relações em que os objetos sejam pacientes com as estruturas. Estruturas são exemplificadas em sistemas abstratos em termos de relações que contêm a verdade para aquele sistema.

Estruturalismo no pós-Guerra

Após a II Guerra Mundial, e particularmente nos anos 60, o Estruturalismo emergiu à proeminência na França e foi a popularidade inicial do estruturalismo nesse país que o levou a se expandir pelo globo. Durante as décadas de 40 e 50, o '*existencialismo*' como era praticado por **Jean-Paul Sartre**² era o modo dominante. O estruturalismo rejeitava a noção existencialista de liberdade humana radical e ao invés disso concentrava-se na maneira que o comportamento humano é

² **Jean-Paul Sartre** (1905-1980) foi um dos filósofos mais emblemáticos da segunda metade do século XX. Foi professor de Filosofia, em pequenos liceus de província, em França. Logo a seguir à 2ª Guerra Mundial aparece como um dos principais criadores do *existencialismo*, destacando-se também como romancista, dramaturgo e ativista político. Após uma aproximação aos países comunistas, afastou-se das suas posições em 1956, quando da revolta na Hungria. A sua ação política torna-se então mais individualista. Em 1967 preside ao "Tribunal Russel" e em 1970, assume em França a direção de algumas publicações de extrema-esquerda. Ao longo da sua vida, foi acusado inúmeras vezes de assumir posições contraditórias com as suas próprias idéias.



Obras: O Ser e o Nada (1943); O Existencialismo é um Humanismo (1946); Crítica da Razão Dialéctica (1960), primeiro tomo); etc.
Edições em Português: Saint-Genet. São Paulo. Ed. Vozes. O Ser e o Nada. São Paulo. Ed. Vozes; O Existencialismo é um Humanismo. Lisboa. Ed. Presença. 1974; A Imaginação. Lisboa. Lisboa. Difel. 1988; Baudelaire. Mem Martins. Europa-América. 1965; Os Caminhos da Liberdade. Vol. I. A Idade da Razão. Lisboa. Bertrand. 1975 (Vol. II, 1975. Vol. III, 1975); O escritor Não é Político? Lisboa. Dom Quixote. 1971; Política e Autobiografia. Situações. Lisboa. AR. 1977; Situações I. Lisboa. Mem Martins. Europa-América. 1968; A Náusea. Mem Martins. Europa- América.; As Palavras. Lisboa. Mem Martins. Europa- América.; Os Dados Estão Lançados. Lisboa. Presença.; O Diabo e o Bom Deus. Lisboa. Assoc. 1976; Mortes Sem Sepultura. Lisboa. Presença. 1974; As Moscas. Lisboa. Presença. 1974; As Troianas. Lisboa. 1973

determinado por estruturas culturais, sociais e psicológicas. O mais importante trabalho nesse sentido foi o volume de 1949 de '*As Estruturas Elementares do Parentesco*' de *Claude Lévi-Strauss*.³ No início dos anos 60 o estruturalismo como movimento começava a andar com suas próprias pernas e alguns acreditavam que isso ofereceu uma singular abordagem unificada da vida humana que poderia abraçar todas as disciplinas.

Roland Barthes e *Jacques Derrida* se concentraram em como o estruturalismo poderia ser aplicado à literatura. *Jacques Lacan* (e, de outro modo, *Jean Piaget*) aplicaram o estruturalismo ao estudo da psicologia, combinando *Freud* e *Saussure*. O livro de *Michel Foucault* '*A Ordem do Discurso*' examinou a história da ciência para estudar como estruturas de epistemologia (teoria da ciência) davam forma a como as pessoas imaginavam o conhecimento e o saber (apesar de Foucault iria mais tarde explicitamente negar afiliação com o movimento estruturalista).

Louis Althusser combinou *Marxismo* com estruturalismo para criar seu próprio tipo de análise social. Outros autores na França e no exterior têm desde então estendendo a análise estrutural a praticamente toda disciplina. A definição de 'estruturalismo' também mudou como resultado de sua popularidade. Como sua popularidade como movimento passava por altos e baixos, alguns autores se consideravam 'estruturalistas' e logo depois abandonavam o rótulo. Adicionalmente, o termo teve significados levemente diferentes em inglês e em francês.

Nos EUA, por exemplo, *Derrida* é considerado o paradigma do pós-estruturalismo enquanto na França é rotulado como estruturalista. Enfim, alguns autores escreveram em vários estilos diferentes. *Barthes*, por exemplo, escreveu livros claramente estruturalistas e outros que claramente não o eram.

Reações ao Estruturalismo

Hoje o estruturalismo tem sido substituído por abordagens como o *pós-estruturalismo* e *desconstruismo*. Há muitas razões para isso. O estruturalismo tem sido freqüentemente criticado por ser não histórico e por favorecer forças estruturais determinísticas em detrimento à habilidade de pessoas individuais de atuar. Enquanto turbulência política dos anos 60 e 70 (e particularmente os levantes estudantis de maio de 1968) começaram a afetar a academia, questões de poder e briga política tornaram-se o centro das atenções da população.

Nos anos 80, o desconstruismo e sua ênfase na ambigüidade fundamental da língua - ao invés de sua estrutura cristalina lógica - tornou-se popular. No final do século o estruturalismo era visto historicamente como uma importante escola de pensamento, mas foram os movimentos que ele gerou, e não o próprio estruturalismo, que detinha a atenção.

³*Lévi-Strauss* havia conhecido Jakobson durante sua estada em Nova Iorque durante a II Guerra Mundial e foi influenciado tanto pelo estruturalismo de Jakobson quanto pela tradição antropológica americana. Em '*Estruturas Elementares...*' Ele examinou os sistemas de relações de parentesco de um ponto de vista estrutural e demonstrou o quanto organizações sociais aparentemente diferentes eram de fato permutações de algumas poucas estruturas de parentesco. No final dos anos 50 ele publicou '*Antropologia Estrutural*', uma coleção de ensaios que delineavam seu programa para o estruturalismo.



Lévi Strauss

Representantes | Estruturalismo europeu

Ferdinand de Saussure



(Genebra, 26 de novembro de 1857 – Morges, 22 de fevereiro de 1913) - Lingüista suíço, fundador da análise estruturalista. Criou muitos desenvolvimentos da lingüística no século XX. Filho de um eminente naturalista, foi logo introduzido aos estudos lingüísticos por um filólogo e amigo da família, Adolphe Pictet. Saussure estudou Física e Química, mas continuou fazendo cursos de gramática grega e latina. Por fim, convenceu-se que sua carreira estava nos estudos da linguagem e ingressou na Sociedade Lingüística de Paris. Estudou línguas européias em Leipzig e aos vinte e um anos publicou uma dissertação sobre o primitivo sistema das vogais nas línguas indo-européias, a qual foi muito bem aceita. Defendeu sua tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito, em Berlim, e depois retornou à Paris, onde passou a ensinar Sânscrito, Gótico e Alto Alemão e depois Filologia Indo-Européia. Retornou à Genebra, onde lecionou sânscrito e lingüística histórica em geral. Em 1906 foi encarregado de ensinar Lingüística Geral, e com isso realizou conferências, a partir das quais seus discípulos elaboraram o 'Cours', em 1913, após sua morte.

Entendia a lingüística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia (lingüística). Seu trabalho *Cours de linguistique générale*, publicado postumamente em 1926 por Charles Bally e Albert Sechehaye (que se basearam em notas das aulas proferidas por Saussure) tornou-se o trabalho seminal de lingüística, a partir do qual se desenvolveu a análise estruturalista, no século XX.

Ferdinand de Saussure enfatizou uma visão *sincrônica* da lingüística em contraste à visão *diacrônica* do estudo da lingüística histórica, a forma como o estudo das línguas era tradicionalmente realizado no século XIX. Com tal visão sincrônica, Saussure procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo. Para ele, "Um signo é a unidade básica da língua. Toda língua é um sistema completo de signos. A *fala* (*parole* em francês; *speech* em inglês) é uma manifestação externa da *língua*". Ele também fez importante distinção entre as relações *sintagmáticas* e as relações *paradigmáticas* que existem em qualquer texto.

Claude Lévi-Strauss



Nasceu em Bruxelas (28 de novembro de 1908). Iniciou seus estudos em Direito e Filosofia na Sorbone (Paris). Não completou os estudos em Direito, conseguido a licenciatura em Filosofia no ano de 1931. Após alguns anos de professorado em escolas secundárias ele aceitou o convite para integrar uma missão cultural Brasil. Lévi-Strauss integrou essa missão junto a outros professores, sobretudo franceses. A influência dessa comitiva que chegou a pedido do Governo Getúlio Vargas na década de 1930 é até hoje uma marcante influência na cultura intelectual da Universidade de São Paulo. Lévi-Strauss lecionou no Brasil de 1934 até 1938. Nesse período, o então jovem professor convidado realizou a primeira de suas poucas visitas a campo, pois a abordagem estruturalista que proporia alguns anos depois, justificaria esse distanciamento do objeto pelo Antropólogo. Durante este período ele conduziu seu primeiro trabalho etnográfico de campo, realizando pesquisas no Mato Grosso e na Floresta Amazônica. Esta experiência que cimentou a identidade profissional de Lévi-Strauss como antropólogo. Sobre a forma como se decidiu pela vinda no Brasil, contou que estava em seu apartamento em Paris, tendo terminado o mestrado, quando um amigo o contactou e disse da possibilidade de ir para São Paulo, onde estava sendo formada uma universidade. *Os arredores estão cheios de índios, e você vai poder continuar suas pesquisas*, disse o amigo. Retornou para a França em 1939 para tomar parte no esforço de guerra; após a capitulação francesa perante a Alemanha, Lévi-Strauss, judeu, viajou para Nova Iorque. Como muitos outros intelectuais emigrados, ele lecionou na *New School for Social Research*. Fundou, ao lado de **Jacques Maritain**, **Henri Focillon** e **Roman Jakobson**, a *École Libre des Hautes Études*, uma espécie de universidade-no-exílio de acadêmicos franceses.

Os anos de guerra, passados em Nova Iorque, foram de formação para Lévi-Strauss, em vários sentidos. Suas relações com Jakobson ajudaram-no a formalizar sua perspectiva teórica (ambos são considerados pensadores centrais do estruturalismo). Além disso Lévi-Strauss foi exposto à Antropologia estadunidense desenvolvida por **Franz Boas**, que ensinava na Universidade de Columbia. Após um período como adido cultural na embaixada francesa de Washington, Lévi-Strauss retornou a Paris em 1948. Foi então que recebeu seu grau de doutor pela Sorbonne, ao expôr (dentro da tradição francesa) duas teses, uma 'maior' e outra 'menor'. Elas foram *Família e vida social entre os Nambikwara* e *As estruturas elementares do parentesco*. *As estruturas elementares do parentesco* foi

publicada no ano seguinte, e instantaneamente consagrou-se como um dos mais importantes estudos de família já publicados. O título faz uma brincadeira com o título do livro de *Émile Durkheim, As formas elementares de vida religiosa*. Examina-se nesta obra a organização familiar a partir da estrutura lógica das relações de parentesco, ao invés de seu conteúdo. Enquanto antropólogos ingleses como *Alfred Reginald* e *Radcliffe-Brown* argumentavam que o parentesco era baseado em um ancestral comum, Lévi-Strauss argumentava que o parentesco era baseado na aliança entre duas famílias que formava-se quando a mulher de um grupo casava-se com o homem de outro. Neste livro também é levantada a questão do incesto como marco da passagem do estado pré-cultural (ou *da natureza*) ao estado cultural no homem. Ao longo do final da década de 1940 e começo da década seguinte Lévi-Strauss continuou a publicar e experimentou considerável sucesso profissional. Em seu retorno à França ele envolveu-se com a administração do CNRS e do *Musée de l'Homme*, até ocupar uma cadeira na quinta seção da *École Pratique des Hautes Études*, aquela de 'Ciências Religiosas' que havia pertencido previamente a *Marcel Mauss* e que Lévi-Strauss renomeou para "*Religião Comparada de Povos Não-Literados*". Apesar de bem conhecido em círculos acadêmicos, foi em 1955 que Lévi-Strauss tornou-se um dos intelectuais franceses mais conhecidos ao publicar *Tristes Trópicos*, livro autobiográfico e basicamente acerca de seu exílio na década de 1930.

Em 1959 Lévi-Strauss foi nomeado para a cadeira de Antropologia social do *Collège de France*. Por volta desse período publicou *Antropologia estrutural*, uma coleção de ensaios que oferece tanto exemplos como manifestos programáticos do estruturalismo. Começou a organizar uma série de instituições destinadas a estabelecer a Antropologia como disciplina de estudos na França, como o Laboratório para Antropologia Social e o jornal *l'Homme*, onde os pesquisadores publicavam o resultado de suas pesquisas. Em 1962 Lévi-Strauss publicou aquele que para muitas pessoas é seu trabalho mais importante, *O pensamento selvagem*. Na primeira parte do livro ele descreve sua teoria da cultura e do pensamento, enquanto que na segunda parte expande suas considerações numa teoria da história e da mudança social. Esta parte do livro rendeu a Lévi-Strauss um acalorado debate com *Jean-Paul Sartre* acerca da natureza da liberdade humana. O confronto entre as visões existencialista e estruturalista iria eventualmente inspirar jovens autores como *Pierre Bourdieu*. Já como celebridade mundial, Lévi-Strauss passou a segunda metade da década de 1960 trabalhando em um projeto maior, um estudo de quatro volumes intitulado *Mythologiques*. Nele o antropólogo francês toma um mito localizado na ponta da América Central e acompanha suas variações de grupo a grupo ao longo da América Central e eventualmente no Círculo Polar Ártico, mostrando então como o mito se espalha de um pólo ao outro do continente. Faz isso de maneira tipicamente estruturalista, ao examinar as relações entre os elementos da história ao invés de focalizar no conteúdo da história em si. Se *O pensamento selvagem* é um manifesto da teoria geral de Lévi-Strauss, *Mythologiques* é uma extensa análise de exemplos. O último volume de *Mythologiques* foi completado em 1971. Dois anos depois Lévi-Strauss foi eleito membro da *Académie Française*, a maior honra para um intelectual na França. Ele também é integrante de várias academias notáveis em todo mundo. Recebeu o *Prêmio Erasmus* em 1973; em 2003 recebeu o *Prêmio Meister-Eckhart* de filosofia. É doutor honoris causa de diversas universidades pelo mundo. Apesar de aposentado, Lévi-Strauss continua a publicar ocasionalmente volumes de meditações sobre artes, música e poesia, bem como reminiscências de seu passado.

Roland Barthes



A "figura mãe do estruturalismo"⁴ nasceu em 1915 em Cherbourg, e se formou em Literatura Clássica e Filologia pela Sorbonne. Considerado um dos mais importantes críticos literários, Barthes fez a crítica das atitudes sociais e cotidianas e trabalhou em uma ciência geral dos signos.

Com sua afirmação de que a unidade do texto não se encontra na origem, mas em sua destinação, ele defendeu o leitor e o crítico como criadores, junto com o autor, do sentido do texto. Morreu em 1980, atropelado em uma rua de Paris. Entre seus vários livros podemos citar *O grau zero da escrita* (1953), *Mitologias* (1957), *Elementos de semiologia* (1964), *Crítica e verdade* (1966), *O prazer do texto* (1973), *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977) e *A câmara clara* (1980).

"Quando criança, eu me entediava freqüentemente e de maneira intensa. Esse tédio começou visivelmente muito cedo, continuou durante toda a vida, vinha em ondas (cada vez

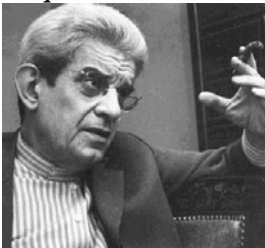
⁴ François DOSSE. *História do Estruturalismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1983. p.95.

mais raras, é bem verdade, graças ao trabalho e aos amigos). É um tédio pânico, que vai até a angústia: como o que sinto nos colóquios, nas conferências, nas noites no estrangeiro, nas diversões de grupo: em todo lugar onde o tédio pode se ver. Seria o tédio minha histeria?"

O semiólogo Roland Barthes confessou esse tédio que o perseguiu por toda a vida em seu pequeno livro autobiográfico *Roland Barthes par Roland Barthes* (Seuil). Seu amor à leitura e ao estudo dos signos o ajudaram a driblar o tédio. Formado em filologia e línguas clássicas, Barthes nasceu em Cherbourg, em 12 de novembro de 1915 e, a partir de 1943, ocupou vários cargos acadêmicos. Foi crítico, sociólogo e ensinou na École des Hautes Études en Sciences Sociales, antes de ocupar a cátedra de semiologia do Collège de France, quatro anos antes de morrer, em março de 1980.

Em seu primeiro livro, *Le degré zéro de l'écriture (O grau zero da escrita, 1953)*, Barthes fazia um estudo da relação que une a literatura à história. Ligado ao grupo *Tel Quel*, Barthes se fez o apologista de uma teoria e de uma estética da escrita, segundo um uso original da palavra proposto no seu primeiro livro. Apesar de seu prestígio intelectual que, em 1976, lhe valeu a primeira cátedra de semiologia literária no Collège de France, Barthes só conheceu o sucesso junto a um público não-especializado ao lançar, em um estilo mais acessível, uma espécie de autobiografia chamada *Roland Barthes por Roland Barthes* (Cultrix, 1975) e *Fragmentos de um discurso amoroso* (Francisco Alves, 1977), um estudo do discurso do enamoramento e da paixão. (por Leneide Duarte).

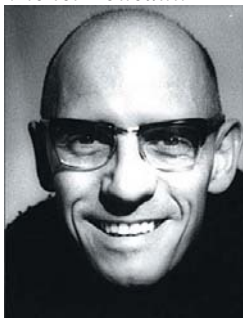
Jacques Lacan



(13 de abril de 1901, Paris / 9 de setembro de 1981, Paris) Psicanalista francês. Lacan vai criar uma corrente da psicanálise, visa partir de Sigmund Freud, mas acaba por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). O inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Quando alguém nasce, busca entender o que ele é, e acaba por se espelhar nos outros (o estágio do espelho), e essa é uma imagem falsa, pois ele só vê uma cópia dos outros, e não o "eu". Então o indivíduo acaba por perder esse "eu", que é inato e não socialmente constituído. As falas do indivíduo exprimem vários significantes, mas estes acabam por não atingir nenhum significado, na medida em que a estrutura (o eu) é inatingível. Logo, sua individualidade é determinada por uma forma vazia e, para Lacan, impossível de se conhecer. Logo o significante remete a outros significantes. O signo é arbitrário, o conceito não é criado a partir da coisa, mas sim determina o que é a coisa, logo, nada é explicável empiricamente. Vivemos no plano da fala, aonde o conteúdo é inatingível (plano do simbólico), as imagens (falsas) que temos sobre nós e os outros, são o plano do imaginário, e o Plano do Real é inatingível (estrutura). Mesmo se chegasse ao conhecimento de uma dada estrutura, só conheceríamos a forma dessa, e nunca o conteúdo.

Lacan introduziu a questão do desejo que tinha sido escamoteada por Freud como figura clínica principal. O desejo como preenchimento de um vazio estrutural. Portanto a estrutura não é inatingível, mas incontornável. O vazio esse sim é passível de sucessivos e intermináveis preenchimentos, sendo esta a questão fulcral da permanente crise do ser humano. A psicanálise lacaniana visa a auto-experienciação pela vivência da travessia, no processo de análise, dos fantasmas que estruturam as existências individuais. Lacan introduziu a heterogeneidade no processo analítico contra uma uniformidade e pseudoprevisibilidade a que os post-freudianos conduziram a clínica psicanalítica. Lacan foi expulso da Sociedade internacional de Psicanálise, acontecimento esse que cindiu irremediavelmente a escola psicanalítica mundial.

Os próprios post-lacanianos se dividem atualmente em várias associações internacionais pois Lacan ao introduzir a idéia de singularidade de cada caso introduziu também a idéia da heterogeneidade dos vários processos analíticos. Uma das conseqüências práticas são as sessões de duração variável que causou escândalo entre os psicanalistas ortodoxos e foi a causa que formalmente condicionou o seu afastamento da sociedade internacional de psicanálise. Mas essa divisão iniciada com o afastamento de Lacan era praticamente inevitável pois Lacan inaugurou de fato uma época nova na psicanálise. Há um antes e um pós-Lacan. Filósofos contemporâneos como Zizek definem Lacan como um filósofo de importância primordial para a compreensão da condição humana. Podem ser encontrados muitos trabalhos clínicos e teóricos, assim como uma curta entrevista com Sizék em: psicanalises.blogspot.com

Michel Foucault

(Poitiers, 15 de outubro de 1926 - Paris, 26 de junho de 1984). Filósofo francês e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France desde 1970 a 1984. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Além desses livros, são publicadas hoje em dia transcrições de seus cursos realizados no Collège de France e inúmeras entrevistas, que auxiliam na introdução ao pensamento deste autor. Foucault trata principalmente do tema do *poder*, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

Para analisar o poder, Foucault estuda o poder disciplinar e o biopoder, e os dispositivos da loucura e da sexualidade. Para isto, em lugar de uma análise histórica, realiza uma genealogia, um estudo histórico que não busca uma origem única e causal, mas que se baseia no estudo das multiplicidades e das lutas. Também abriu novos campos no estudo da história e da epistemologia.

Obras: Nascimento da clínica, 1963; As palavras e as coisas, 1966; Arqueologia do saber, 1969; Vigiar e punir, 1975; Nascimento da prisão, 1975; História da sexualidade: A vontade de saber, 1976; O uso dos prazeres, 1984; O Cuidado de Si, 1984. **Cursos do Collège de France (1970-1982):** A vontade de saber (1970-1971); Teorias e instituições penais (1971-1972); A sociedade punitiva (1972-1973); O poder psiquiátrico (1973-1974); Os anormais (1974-1975); Em defesa da sociedade (1975-1976); Segurança, território e população (1977-1978); Nascimento da biopolítica (1978-1979); Do governo dos vivos (1979-1980); Subjetividade e verdade (1980-1981); A hermenêutica do sujeito (1981-1982).

Frases de Foucault:

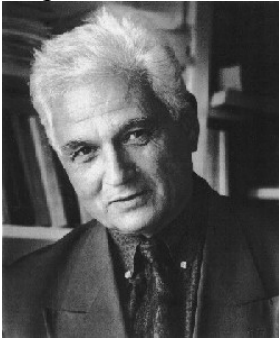
"A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras". Em "*A Ordem do Discurso*, p.36".

"A heresia e a ortodoxia não derivam de um exagero fanático dos mecanismos doutrinários, elas lhes pertencem fundamentalmente". Em "*A Ordem do Discurso*, p.42".

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". Em "*A Ordem do Discurso*, p.10".

"Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo". Em "*A Ordem do Discurso*, p.44".

"O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta". em "*A Ordem do Discurso*, p.26"

Jacques Derrida

Filósofo francês (El Biar, Argélia, 15 de julho de 1930 – Paris, 8 de outubro de 2004). Criador do método filosófico chamado “desconstrução”⁵. O seu trabalho é frequentemente associado com o *pós-estruturalismo* e o *pós-modernismo* (esta última associação encontra-se presente tanto quanto Jean-François Lyotard é a relação mais próxima entre a desconstrução e o pós-modernismo, propondo uma significação filosófica deste último). Entre as principais influências de Derrida encontram-se *Sigmund Freud* e *Martin Heidegger*.

De origem judaica, mas secular, Derrida, que cresceu na Argélia, cedo sofreu com a repressão metropolitana e anti-semita. Com a redução das cotas para judeus (de 14 para 7%) nas escolas da Argélia, Derrida foi expulso do colégio que frequentava; ao invés de seguir para o colégio formado por judeus, ele ficou um ano parado. Essa discriminação marcou profundamente o jovem Derrida, e muitas reminiscências desses momentos podem ser encontradas em suas obras. Esportista, participou de inúmeras competições e chegou a cogitar uma carreira como jogador de futebol; mas então conheceu os livros de *Jean-Jacques Rousseau*, *Friedrich Nietzsche*, *André Gide* e *Albert Camus*.

Sua família mudou-se para a França em 1949, onde Derrida iniciaria seu curso superior em 1952 (na École Normale Supérieure). O futuro filósofo havia tentado ingressar na instituição duas vezes, antes de finalmente ser aprovado nos exames. No curso superior descobriu *Kierkegaard* e *Heidegger*. Entre os professores da École, figuravam *Michel Foucault* e *Louis Althusser*. Então Derrida trabalhou como professor auxiliar na Universidade de Harvard. Casou-se em junho de 1957 com Marguerite Aucouturier, e prestou serviço militar a seguir. Tornou-se professor em 1959, na escola secundária de Le Mans, proferindo também algumas conferências. Derrida completou na Bélgica sua formação com a *agrégation*, (um exame francês que torna o acadêmico funcionário público permanente do ensino). De 1960 a 1964 ele deu aulas na Sorbonne; no ano de 1964 obteve o prêmio Jean-Cavaillè (um prêmio para produção em Epistemologia), por sua tradução de *A origem da geometria*, de Edmund Husserl.

Em 1965 foi chamado para dar aulas na École Normale Supérieure, ocupando o cargo de diretor de pesquisas, junto com *Louis Althusser*. Seria professor naquela escola até 1984. Sua participação num colóquio na Universidade John Hopkins, em Baltimore e no ano de 1966, marca o início de uma série de viagens para os Estados Unidos da América. Em 1967 o primeiro de seus três livros foi publicado, mesmo ano de nascimento de seu filho Jean. Fundou a associação Jan Hus em 1981, destinada a auxiliar intelectuais dissidentes da Tchecoslováquia. Chegou a ser preso em Praga, após um seminário clandestino; graças à intervenção de François Mitterrand foi libertado. Desde a saída da École Supérieure e até seu falecimento, Derrida foi diretor da *École des Hautes Études en Science Sociales*, de Paris. Desde 1986 ele era professor de humanidades na Universidade da Califórnia (câmpus de Irvine), onde era também diretor do arquivo de manuscritos. Em 2001, recebeu a Theodor W. Adorno-Preis, em Frankfurt. Um filme sobre ele, feito por Amy Ziering-Kofman e Kirby Dick com sua participação, foi lançado em 2002. Derrida morreu em Paris, no dia 8 de outubro de 2004, após convalescer desde 2003 de um câncer no pâncreas. Esteve no Brasil duas vezes: em 1995, na USP e na PUC-SP; e em 2001, no Rio de Janeiro.

Jacques Derrida é autor de mais de 80 trabalhos; aparecem aqui os mais conhecidos e os que

⁵ A “desconstrução”, conceito elaborado por Jacques Derrida (o filósofo das Teorias Desconstrucionistas), ou seja, uma crítica de pressupostos dos conceitos filosóficos. A noção de desconstrução surge pela primeira vez na introdução à tradução de 1962 da “Origem da Geometria” de E. Husserl. A desconstrução não significa destruição, mas sim desmontagem, decomposição dos elementos da escrita. A desconstrução serve nomeadamente para descobrir partes do texto que estão dissimuladas e que interditam certas condutas. Esta metodologia de análise centra-se apenas nos textos. Comentário, por **Francesco Scarpellino** (Filósofo; Professor de Filosofia da FACISA): “O ‘método’ da ‘desconstrução’ suscitou amigos e admiradores nos departamentos das Letras, mas revolta e polêmica no mundo da filosofia canônica, visto como uma ameaça à Metafísica clássica. A aplicação da Desconstrução a um texto filosófico ameaça a leitura verdadeira da verdade da filosofia, tornando-a uma das leituras possíveis, mas não a leitura correta. A famosa frase ‘*A linguagem se cria e cria mundos*’, aponta perigosamente para a contingência dogmática do ‘Ser’ e do ‘Significado’. Isso quer dizer que os textos corrompem seus significados tradicionais, criam novos contextos e permitem novas leituras, em um processo contínuo e vertiginoso. (...) Em A GRAMATOLOGIA (1967), Derrida apresenta outra tese inovadora e provocante afirmando que a linguagem escrita precede a linguagem oral no ser humano, alicerçada no princípio antiidealista que ‘a existência precede a essência’. Para o nosso filósofo o que está ‘fora dos livros’ é ‘marginal’, está à ‘margem da tradição’ e situa-se no ‘limite do discurso’. (...)”

permitem esclarecer melhor seu pensamento.

Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl / *Gramatologia*, 1967 (São Paulo : Perspectiva, 1973) | *Position*, 1972 | *La dissémination*, 1972 | *Escritura e a diferença*, 1979 (São Paulo : Perspectiva, 1971) | *La faculté de juger*, 1985 | *Heidegger et la question*, 1990 | *Do espírito*, 1990 (Campinas : Papyrus, 1990) | *L'Éthique du don*, 1992 | *Paixões*, 1993 (Campinas : Papyrus, 1995) | *A voz e o fenômeno*, 1993 (Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994) | *Espectros de Marx*, 1993 (Rio de Janeiro : Relume-Dumar, 1994) | *Politiques de l'amitié*, 1994 | *Apories*, 1996 | *Résistances de la psychanalyse*, 1996 | *Adieu à Emmanuel Lévinas*, 1997 | *Cosmopolites de tous les pays encore un effort*, 1997 | *Le droit à la philosophie*, 1997 | *Marx en jeu*, 1997 | *De l'hospitalité*, 1997 | *Demeure*, Maurice Blanchot, 1998 | *Voiles* avec Hélène Cixous, 1998 | *Donner la mort*, 1999 | *Mémoire d'aveugle*, 1999 | *Feu la cendre*, 1999 | *Sur paroles*, 1999.

Louis Althusser

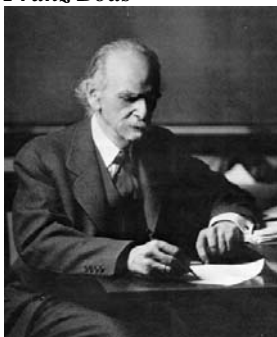


(Birmandreis, Argélia, 1918 - Paris, 1990) Filósofo francês, considerado um dos principais nomes do estruturalismo francês dos anos 60, juntamente com Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Michel Foucault e Jacques Derrida. Marxista, filiou-se ao Partido Comunista Francês em 1948. No mesmo ano, tornou-se professor da École Normale Supérieure.

Em 16 de novembro de 1980, estrangulou sua esposa, Hélène, num surto psicótico. A justiça considerou-o demente no momento dos acontecimentos e, em virtude da lei francesa, foi declarado incapaz e inocentado em 1981. Cinco anos mais tarde, em seu livro *L'avenir dure longtemps* ele afirmaria ter sido responsável por seus atos quando do assassinato (criando uma polêmica entre seus correligionários e detratores a respeito da responsabilidade ser filosófica ou real) e deixa subentendido que seu engajamento marxista, base de sua filosofia, poderia ser fruto de segundas intenções oportunistas.

Estruturalismo americano

Franz Boas



(1858-1942), antropólogo alemão que se radicou nos EUA. Embora geógrafo de formação, na década de 1880 passou a realizar estudos antropológicos entre os esquimós e os *Kwakiutl*. Lecionou na Universidade de Colúmbia, em Nova York, a partir de 1896, criando ali um dos principais centros de pesquisas antropológicas das Américas. Procurou salientar a grande variedade de formas culturais existentes, colocando como a tarefa da antropologia descobrir, entre as variedades do comportamento humano, quais são comuns a toda a humanidade. Apontava que cada cultura é uma unidade integrada, fruto de um desenvolvimento histórico peculiar. Enfatizou a independência dos fenômenos culturais com relação às condições geográficas e aos determinantes biológicos, afirmando que a dinâmica da cultura está na interação entre o indivíduos e sociedade. Dentre suas obras principais, destacam-se: "The Mind of Primitive Man", 1938 (A Mente do Homem Primitivo), e "Race, Language and Culture", 1940 (Raça, Linguagem e Cultura).

Leonard Bloomfield



(1887-1949) é considerado o fundador da lingüística estrutural norte-americana. Nasceu em Chicago e se formou bacharel na Universidade de Harvard no ano de 1906, recebendo o doutorado na Universidade de Chicago em 1909. Em 1917 pesquisou o *Tagalog*⁶ e outros idiomas extensivamente, e na década de 1920 trabalhou no agrupamento dos idiomas nativos americanos. Teve um papel fundamental ao fundar a *Sociedade Lingüística da América*, em 1924. Bloomfield é mais conhecido pelo seu compromisso com a lingüística como uma ciência independente, e sua insistência no uso de procedimentos científicos. No início de sua carreira foi influenciado pelo Behaviorismo, uma escola psicológica baseada no estudo objetivo do comportamento. Ele fundamentou seu trabalho, especialmente pela aproximação do significado com os princípios behavioristas. Seu trabalho principal, *Language* (Língua, 1933), é considerado por muitos como o texto clássico de lingüística estrutural, também tida como o próprio estruturalismo. O livro sintetizou a teoria e prática de análise lingüística. Na verdade, Bloomfield, junto com *Edward Sapir* foi um precursor do Estruturalismo Americano, seguido por seu discípulo *Zellig Harris*. Zellig Harris, foi quem orientou *Noam Chomsky* em sua tese de doutoramento em lingüística no ano de 1955, na Universidade da Pensilvânia. Chomsky, por sua vez, colocou em xeque todo o fundamento da lingüística estrutural desenvolvida por Bloomfield, opondo à visão behaviorista deste, uma visão mentalista da linguagem.

⁶ tagalo ou tagalog é um dos principais idiomas falados na República das Filipinas.

Edward Sapir

(1884-1939) foi um antropólogo e lingüista nascido em Lauenburg, Pomerania, na Alemanha. Foi para os Estados Unidos onde liderou o estudo da lingüística estrutural, tendo sido um dos criadores da *Hipótese de Sapir-Whorf*. Foi aluno de *Franz Boas* e professor também de *Benjamin Whorf*. Lecionou na Universidade de Chicago e, mais tarde na Universidade de Yale. Foi um dos primeiros a explorar as relações entre os estudos lingüísticos e a Antropologia. Sapir propôs uma perspectiva alternativa sobre a linguagem em 1921, ao sugerir que a linguagem influencia a forma como os indivíduos pensam. A idéia de Sapir foi adotada e desenvolvida durante a década de 1940 por *Whorf*, dando origem à *Hipótese de Sapir-Whorf*.⁷ Sapir afirmava que a percepção de um observador sobre o mundo ao seu redor é controlada de alguma forma fundamental pela linguagem que ele usa. Por exemplo: o conceito de tempo nos tempos verbais – presente, passado, futuro. Na língua *hopi* não há tempos verbais, mas marcas de diferenciação sobre relato de fatos, expectativas e verdades gerais. Também *Benjamin Whorf* achava que a linguagem pode restringir o pensamento, ou seja: *a linguagem funda a realidade*. Nomes de cores, por exemplo, podem variar enormemente. Em navajo, cinza e azul tem uma só palavra; em hebraico, há uma palavra para azul do céu e outra para azul do mar. Em shona, há uma só palavra para laranja, vermelho e roxo. Sapir acreditava que a lingüística como ciência é uma forma de libertação, uma evidente ruptura da cadeia historicamente construída.

⁷ Nos anos 50, dois lingüistas americanos, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, chegaram à formulação de uma tese que constituiu durante muito tempo uma referência para o *relativismo lingüístico*. Conhecida sob o nome de *hipótese Sapir-Whorf*, ela reza mais ou menos isto: os homens vivem segundo suas culturas em universos mentais muito distintos que estão exprimidos (e talvez determinados) pelas línguas diferentes que falam. Deste modo, também o estudo das estruturas de uma língua pode levar a elucidação de uma concepção de um mundo que a acompanhe. Esta proposição suscitou o entusiasmo de uma geração inteira de antropólogos, de psicólogos e de lingüistas americanos e, em menor escala, europeus, nos anos 40 e 50, antes de ser enfraquecida pela *corrente cognitivista*. Ela influenciou um pouco o estruturalismo francês e, apesar das refutações formuladas, principalmente, por etnólogos e sociolingüistas neste meio-tempo, sua existência persiste até hoje.